



A EAD E AS POSSIBILIDADES REAIS PARA INCLUSÃO DE DISCENTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL.

Autor: Elisângela Bezerra Magalhães Orientador: Jorge Carvalho Brandão

Universidade Federal do Ceará

lala2magalhaes@gmail.com

profbrandao@ufc.br

Resumo: Num contexto de novos modelos de educação e diante das atuais tecnologias disponíveis para o ensino de pessoas com deficiência visual e de seus relativos usos nos âmbitos educacionais, este artigo se propõe a apresentar um relato de experiência e as adaptações das aulas da disciplina de Álgebra Linear para pessoas com deficiência visual utilizando a EAD. Nesse sentido a pesquisa favorece ao debate sobre educação à distância, os suportes tecnológicos e acesso à educação e por consequência, de cidadania da pessoa com deficiência. O artigo está dividido em introdução, caracterização do aluno com deficiência visual, a EAD e a deficiência visual, as possibilidades da EAD e alunos cegos, e percurso metodológico da pesquisa. Não obstante necessário se faz caracterizar a deficiência visual e a baixa visão e as tecnologias voltadas para essas pessoas. Nesse sentido, muitas pesquisas têm discutido sobre a importância da acessibilidade, ou seja, a inclusão do indivíduo no processo educacional.

Palavra chave: Tecnologia; acessibilidade; deficiência visual.

INTRODUÇÃO

De acordo com Manzini (2005), a tecnologia digital vem trazendo novas possibilidades no processo de ensino e aprendizagem e favorecendo inclusive pessoas com deficiência a se apropriarem do saber com mais tranquilidade de maneira mais rápida. Diante das modalidades atuais de ensino, o foco na educação a distância (EAD) que para Nunes (1994) constitui-se uma modalidade de incalculável importância para atender grandes contingentes de alunos, de forma mais efetiva que as outras modalidades e sem riscos de reduzir a qualidade dos serviços oferecidos em decorrência da ampliação da clientela atendida.



Estando todos os indivíduos com ou sem deficiência incluída em salas regulares, ressalta-se que a escola atual tem o papel de preparar e instruir, norteando os indivíduos que a frequentam estarem aptos a viver e trabalhar com todas as tecnologias existentes e que a cada dia surgem (LIBÂNEO, OLIVEIRA e TOSCHI, 2005).

No entanto, algumas pesquisas têm apontado que nem sempre os docentes estão preparados para usar os recursos de tecnologia na escola (GALVÃO FILHO,2009 ; VERUSA, 2009; MANZINE, 2009;). Entretanto, Outras pesquisas recomendam que os docentes do ensino fundamental conhecem menos os recursos e equipamentos de tecnologia assistiva¹ (TA) do que professores especializados, que têm experiência no ensino de alunos com deficiência (MANZINE 2011; RODRIGUES 2013)

QUEM É MEU ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Os desafios educacionais atualmente são infindáveis, vão desde a evasão escolar, alunos com deficiência inclusos nas salas regulares, dificuldade com os professores, dificuldades de aprendizagem, em fim, são muitos os obstáculos enfrentados em sala de aula.

A Inclusão se faz presentes nas nossas escolas, alguns autores defendem uma escola de qualidade, dessa forma a inclusão traz como premissa básica, propiciar a Educação para todos, uma vez que, o direito do aluno com necessidades educacionais especiais e de todos os cidadãos à educação é um direito constitucional.

Padilha (2013, p.09), define a escola de qualidade como:

“ penso que a escola de hoje, do século XXI, deve ser aquela instituição que cumpre efetivamente seu papel de *educar, incluindo a todos, respeitando diferença e promovendo o conhecimento para a vida* – e não para fragmentos dela – a partir de práticas pedagógicas, que aliem teoria e prática e se valham dos mais variados recursos e linguagens para o cumprimento de seus papéis.”

Segundo o censo Demográfico (IBGE, 2010) revelam que 6,2% da população brasileira tem algum tipo de deficiência. A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) considerou quatro tipos de deficiências: auditiva, visual, física e intelectual.

¹ TA é um termo ainda novo, utilizado para identificar todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover vida independente e inclusão. (BERSCH & TONOLLI, 2006)



Dentre os tipos de deficiência pesquisados, a visual é a mais representativa e atinge 3,6% dos brasileiros, sendo mais comum entre as pessoas com mais de 60 anos (11,5%). O grau intenso ou muito intenso da limitação impossibilita 16% dos deficientes visuais de realizarem atividades habituais como ir à escola, trabalhar e brincar.

Docentes ao exercer suas funções em salas regulares, necessitam entender seus alunos nas mais variadas especificidades, trabalhar com estudantes com deficiência visual, traz um desafio de entender as características da deficiência que pode ser delimitado em dois grupos de estudo: deficientes visuais e cegos com baixa visão. A cegueira total ou amaurose² delimita-se como completa perda de visão sem nenhuma percepção de luz, daí ouvimos falar a expressão “visão zero”. Entende-se por perda da função visual até ausência e projeção de luz. Quanto os cegos com baixa visão, observamos por muito tempo em sala de aula suas limitações de leitura. A letra tem que ser ampliada em cadernos de pautas bem destacadas, como também se notava algumas dificuldades de locomoção.

A deficiência visual é do tipo sensorial e abrange desde a cegueira total, em que não há percepção da luz, até a baixa visão (visão subnormal). Cegueira pode ser a perda total da visão e as pessoas acometidas dessa deficiência precisam se utilizar dos sentidos remanescentes para aprender sobre o mundo que as cerca. A baixa visão é a incapacidade de enxergar com clareza, mas trata-se de uma pessoa que ainda possui resíduos visuais, mas, mesmo com o auxílio de óculos ou lupas, a visão se mostra baça, diminuída ou prejudicada de algum modo. (GIL, 2000, p. 06)

A baixa visão é diagnosticada pela alteração da capacidade funcional da visão que poderá decorrer de inúmeros fatores. Pessoas com baixa visão demonstram uma necessidade de utilização dos recursos específicos na realização de suas atividades diárias; auxílios ópticos, lentes para ampliação de imagens, lupas, óculos, telescópios, entre outros, recursos não ópticos, que são o uso de lâmpadas, contraste de preto e branco, livros com textos ampliados, folhas pautadas. (GIL, 2000. P 04)

Importante frisarmos que crianças cegas com baixa visão diagnosticadas com doenças degenerativas, nem sempre conseguem correção adequada com recursos ópticos para competência funcional e uso da visão para leitura e escrita. Em alguns casos, o médico oftalmologista indica a

²Amaurose - Cegueira mais ou menos completa e transitória, devida a uma afecção do nervo óptico ou dos centros nervosos, mas sem lesão do próprio olho.



utilização do Braille, e sua visão funcional utilizada para sua locomoção, e autonomia nas Atividades da Vida Diária (AVD).

Quanto àquele que perde a visão depois de adulto, usamos a nomenclatura de aluno reabilitando. Para Rodrigues (2004, p. 59), “a perda da visão é, um acontecimento de vida que suscita uma multiplicidade de reações e que obriga os sujeitos afetados a encontrar formas de lidar, quer com estas reações, quer com as consequências que decorrem da redução grave ou ausência da visão”.

A EAD E ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

A EAD é uma modalidade de educação que se concretiza através da utilização das tecnologias de informação e comunicação, onde docentes e discentes estão separados fisicamente, está sendo cada vez mais utilizada na Educação Básica, Educação Superior e em cursos abertos, entre outros.

A EAD traz inúmeros conceitos, Para Moran (2009) Esta modalidade de educação é efetivada através do intenso uso de tecnologias de informação e comunicação, podendo ou não apresentar momentos presenciais. MILL (2012, p. 22) “A EAD é uma modalidade educacional e deve ser analisada de modo amplo e em relação à educação presencial, englobando inclusive a educação virtual”. Dessa forma observamos que o ensino e aprendizagem devem ser contemplados por diversas metodologias desde que haja intenção e planejamento.

Ao analisarmos a educação à distância e as especificidades dos estudantes deficientes visuais, compreendemos que a EAD traz possibilidades reais de acessibilidade dos conteúdos e das disciplinas para esses estudantes, já que os mesmos muitas vezes têm dificuldades de locomoção. E a EAD oferece oportunidades de estudar pelo uso da tecnologia. Sobre as questões de acessibilidade SONZA (2013), traz considerações importante para o autor “a postura da sociedade com relação às pessoas com deficiência vem se alterando de acordo com a cultura, crenças, fatores econômicos, políticos e sociais no decorrer dos tempos”.



Nessa condição, a EAD pode se apresentar como importante instrumento se configura um agente nivelador de diferenças, distanciando os limites geográficos e temporais, os preconceitos atitudinais e a falta de acessibilidade de muitas instituições para com a educação inclusiva.

O fundamental é que os estudantes com deficiência visual tenham assegurado a ascensão à informação por meios em que tenham condições de explorar conteúdos, conceitos não somente através de explicações pela audição e sim pela oportunidade de exploração de materiais acessíveis, com intuito de facilitar a aprendizagem do deficiente visual.

Buscar os recursos mais adequados para trabalhar com alunos portadores de deficiência visual é tarefa que exige do professor enxergar além da deficiência, lembrando que há peculiaridades no desenvolvimento de todas as crianças, tendo elas deficiência ou não. [...] O trabalho voltado para a criatividade auxilia muito o processo ensino-aprendizagem (BARBOSA, 2003, p. 19).

Nesse sentido, deve-se pensar em recursos auditivos e táteis a fim de assegurar a esse discente a oportunidade de contato com o conceito. Falar em EAD promove uma reflexão sobre, as práticas pedagógicas direcionadas ao aluno deficiente visual, a qual apresenta a necessidade da utilização estratégias que o atinja de forma plena para que possam participar plenamente de um curso nessa modalidade.

POSSIBILIDADES REAIS E EAD E A DEFICIÊNCIA VISUAL

Para abordarmos o assunto apresentaremos uma experiência exitosa com uma estudante de baixa visão em um curso Licenciatura em Matemática na Universidade Federal do Ceará (UFC) na modalidade semipresencial ou educação a distância (EAD). Desde 2007 a UFC, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB), oferece cursos nessa modalidade. A estudante ingressou em 2011, chamaremos de Ester. Sendo a primeira discente com deficiência visual em um curso de Matemática da UFC (tanto presencial quanto a distância).

Como já definido anteriormente a baixa visão é a incapacidade de enxergar com clareza, mas trata-se de uma pessoa que ainda possui resíduos visuais, mas, mesmo com o auxílio de óculos



ou lupas, a visão se mostra turva, diminuída ou prejudicada de algum modo. Há casos em que cores claras não são percebidas, como acontece com Ester.

Ester despertou interesse por estar conseguindo aprovação em todas as disciplinas cursadas, embora apresentando algumas dificuldades, por conta da visão. Haja vista ser raro encontrar discentes com deficiência visual em cursos universitários nas áreas de Exatas

Assim sendo, resolvemos adaptar conteúdo para discente através seu desempenho na disciplina Álgebra Linear e Geometria Analítica II.

Este trabalho apresenta: as adaptações das aulas da disciplina de Álgebra Linear para pessoas com deficiência visual utilizando a EAD. Como objetivos específicos, destacamos: investigar a discente (com deficiência visual) sabe diferenciar os conceitos de circunferência e elipse em situações de aplicação.

Durante a disciplina a mediação com a estudante foi a partir do ambiente virtual da UFC o Sistema Online de Aprendizagem (SOLAR). O SOLAR por ser um ambiente virtual de aprendizagem possui recurso onde o professor e o aluno tem a possibilidade de interação com os mesmos. Nesse Ambiente é possível ampliar o tamanho da fonte das letras, o que facilita o trabalho com pessoas com baixa visão. Todavia (ainda) observa-se que o ambiente não está preparado para fazer descrição de figuras ou imagens (áudio-descrição). Eis nosso desafio: como mediar e adaptar atividades a partir da EAD para ensinar cônicas e quádras usando o mínimo de figuras (e/ou imagens)? Delimitando nossa vivência (estudo de caso), apresentamos aqui apenas uma atividade realizada para conceituar cônicas e quádras.

É importante destacar que a participação dos discentes no SOLAR se dá por meio das ferramentas como: de fóruns, onde expõem opiniões sobre determinados conteúdos e comentam postagens de pares e tutore; portfólios, para resolução de atividades ou exercícios propostos. Os portfólios são individuais, por conseguinte, são mais fáceis de perceber as dúvidas dos estudantes em relação à articulação de ideias. Também tivemos web conferências, onde ocorreu uma troca de



conhecimentos de maneira síncrona. Os encontros presenciais ao polo foram realizadas. Chats eram utilizados quando solicitados pelos discentes.

Partindo do pressuposto que a matemática, com seus cálculos, algoritmos, gráficos, etc... No entanto, não é mais uma disciplina inacessível aos deficientes visuais existe hoje muitos materiais manipuláveis para ensino de matemática que favorecem a aprendizagem tanto dos estudantes de boa visão como os com deficiência visual, também as metodologias didáticas hoje favorecem o aprendizado desses indivíduos.

Com a finalidade de tornar mais ativa a participação e a produção do conhecimento da estudante, procuramos adaptar o conteúdo da disciplina, bem como favorecer a mediação através do sistema SOLAR.

Kenski (2003, p. 26) coloca, “no atual estágio da sociedade, o homem encontra-se diante de um modelo totalmente novo de organização social, baseado na combinação da tecnologia da informação e da comunicação, cuja substância e matéria-prima é totalmente invisível: informação”. No entanto os estudantes deficientes visuais necessitam que os meios de comunicação presentes na sociedade repensem como as informações são vinculadas as informações e quais estruturas melhor atendem, a deficiência para que o acesso as informações seja democrático.

PERCURSO METODOLÓGICO EAD: COM DISCENTE DE BAIXA VISÃO NA LICENCIATURA

Como percurso metodológico a discente denominada Ester foi acompanhada durante um semestre na disciplina de Álgebra Linear. Inicialmente, as mediações aconteceram a partir da participação em fóruns, chats e resolução de exercícios em portfólios, foram relacionados seus conhecimentos prévios.

Através de tempestades de ideias, técnica de avaliação de aprendizagem, tanto em web conferências quanto em aulas presenciais, foram confirmados seus conhecimentos na disciplina. Com efeito, a partir de seus limites, explorar suas potencialidades.



Observamos como conhecimentos prévios, Ester já define aplicações lineares bem como caracteriza o núcleo e imagem. Também já sabe diagonalizar operadores lineares. Com efeito, sua participação em fóruns e a resolução de atividades confirmam tal hipótese.

Importante salientar que foram realizadas web conferências e visitas presenciais ao polo onde Ester estudava, a seguir apresentaremos uma atividade mediada pelo docente que consistiu na resolução da situação problema abaixo:

Em um terreno retangular de lados 16 m e 20 m, um jardineiro foi contratado por um arquiteto para plantar um tipo de grama na região interna de uma figura geométrica. Para tanto, foi orientado a realizar os seguintes procedimentos:

- (1) Desenhe, com cal, uma linha no chão paralela aos lados de medida 20 m, de tal maneira que dividisse o retângulo em dois retângulos congruos.*
- (2) Desenhe uma linha no chão paralela aos lados de medida 16 m, de tal maneira que agora tivessem quatro retângulos congruos.*
- (3) A partir da interseção das linhas de cal, e estando sobre a maior das linhas, ele fixou dois grandes pregos, um à direita e outro à esquerda da interseção. De tal maneira que a interseção era o ponto médio da distância entre os pregos.*
- (4) O proprietário deu um barbante com pouco mais de 20 m, de tal modo que, ao amarrar as pontas do barbante nos pregos, sobrassem exatamente 20 m.*
- (5) Em seguida, com um pincel colocado ao lado do barbante, e deslizando-o, o jardineiro desenhou uma figura (muito parecido com uma circunferência).*

Pergunta: Como é o nome da figura formada e qual a distância entre os pregos?

Esta questão foi apresentada para ser debatida em um fórum. Em um primeiro momento, tanto Ester quanto os demais discentes não entenderam bem o enunciado.

Alguns argumentaram que estava muito longo e precisavam de uma figura para resolver. Então solicitamos que tentassem desenhar a figura que eles estavam entendendo (depois escaneassem e disponibilizassem para os demais). Fizemos um “acordo” para não mandar figuras antes do solicitado, para não influenciar demais.



Em relação à Ester, nossa discente com baixa visão, ela não sabia responder os questionamentos. À parte, ficamos nos comunicando via *chat*.

A sugestão foi procurar vídeos no *youtube* o qual abordassem o assunto. Comparasse com o conteúdo da aula fazendo *questionamentos*, a saber: dentre as cônicas, qual se parece com uma circunferência? É só uma aparência visual ou as propriedades também são semelhantes?

Indicamos que relese o problema. Comparasse os dados do problema com os entes das cônicas. Após uns 30 minutos ela argumentou que a cônica em questão era uma elipse³. Com efeito, ela identificou que os pregos funcionavam como os focos.

Continuamos indagando: seria uma elipse uma circunferência achatada? Ela afirmou que não. Pois a definição de elipse exige dois pontos fixos e da circunferência pede só um.

Ester respondeu usando o seguinte artifício: se o barbante tem 20 m, quando ele tocar no retângulo (no menor lado) eu terei um triângulo isósceles. Mas como eu tenho os desenhos das linhas, posso usar só um triângulo retângulo de hipotenusa 10 m, e catetos 8 m (proveniente da medida da linha de cal que dividiu ao meio o lado menor: $16/2 = 8$) e x .

Usando Pitágoras, $10^2 = 8^2 + x^2$. Daí, $x = 6$ m. Como x é a distância de um prego até o centro, segue-se que a distância entre os pregos é 12 m.

Observamos que Ester tem aprimorado seu linguajar matemático (fizemos pequenas correções gramaticais no texto aqui reproduzido).

Será que Ester conseguiria estender seu raciocínio para qualquer cônica?

Bem... conseguiu! Para tanto, ela relacionou a linha desenhada paralela aos lados maiores do retângulo com o eixo dos x , o eixo dos y fez corresponder à outra linha desenhada. Em seguida, argumentou conforme está nos livros, mas dando seu toque pessoal: chamou de $2k$ a medida do eixo maior, $2q$ a medida do eixo menor e $2f$ a distância entre os focos. Concluiu que $k^2 = q^2 + f^2$.

³ Dados dois pontos quaisquer do plano F_1 e F_2 e seja $2c$ a distância entre eles, elipse é o conjunto dos pontos do plano cuja soma das distâncias à F_1 e F_2 é a constante $2a$ ($2a > 2c$).



Enfim, em relação a essas duas experiências, o conhecimento prévio da discente é de grande valia na resolução de problemas. Todavia, não adianta muito se eles não sabem como utilizar. Aí está a grande importância da utilização de metodologias de mediação: estimular que cada sujeito potencialize suas capacidades.

Nessa experiência o que observamos é que EAD favoreceu a mediação através dos fóruns beneficiou a discente com deficiência visual, no momento das dúvidas ela tinha a oportunidade de enviar perguntas e interagir com o docente, facilitando a apreensão do conceito estudado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disciplina da matemática por ser uma ciência presente na escola e no nosso dia-a-dia que é considerada como disciplina difícil, proclama a necessidade de um olhar diferenciado por parte do docente, o mesmo deve ter preocupação de tratar todo esse conhecimento e conteúdo de uma maneira única, e acessível para que o aluno se aproprie significativamente dele.

O ensino da matemática é considerado por muitos professores uma prática difícil, e trabalhar com matemática para deficientes visuais, tornam-se uma tarefa mais árdua e complicada, trouxemos nesse artigo a contribuição da EAD como um recurso que se utiliza da tecnologia para nortear professores a uma mudança de paradigmas, onde haja a possibilidade do docente trabalhar com a disciplina num caráter dinâmico investigativo de maneira prazerosa, estimulando os estudantes a experimentarem a elaboração do conhecimento de uma maneira mais simples e dispondo da possibilidade de interação.

A EAD oferece uma proposta de uma nova interpretação para nossa prática docente. EAD apresenta tanto ao docente quanto ao discente a oportunidade de estarem ligados diretamente, não necessariamente presencialmente mas caminhando juntos com o objetivo da elaboração do novo conhecimento.

Durante das intervenções feitas os Fóruns podemos observar que a ferramenta propicia e oportuniza que esse professor ofereça mediação oferecendo ao seus alunos condições necessárias para dominar conceitos pretendidos em sala de aula, instigando interesse, vontade de aprender e elaborando e construindo seus conhecimentos de forma significativa.



O que estamos apresentando nesse trabalho foram condições de se fazer uma apreciação e uma interpretação diferenciada sobre o ensino da matemática, e a utilização da EAD na perspectiva de uma nova postura docente, e de um novo pensar sobre o ensino de matemática para os deficientes visuais.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, P. M. **O Estudo da Geometria**, Revista Benjamin Constant, edição 25. p18-24, agosto 2003.

BERSCH, R.; TONOLLI, J. C. **Tecnologia Assistiva**. 2006. Disponível em: < <http://www.assistiva.com.br/> >. Acesso em: 01 de agosto 2016

BRANDÃO, J. C. Geometria = Eu + Geometria. In: **Revista Benjamin Constant**, N° 28, pg. 16 – 2. Rio de Janeiro: Agosto de 2004.

_____. **Matemática e deficiência visual**. TESE. Universidade Federal do Ceará ; UFC, Fortaleza- 2009.

_____. **Antes de P E B escrevemos....introdução ao raciocínio lógico-matemático adaptado/** Jorge Brandão, Elisângela Magalhães, Ivanice Bastos- 1 ed.- Curitiba, PR: CRV. 2014

CARTILHA DO CENSO 2010 – **Pessoas com Deficiência** / Luiza Maria Borges Oliveira / Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) / Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD) / Coordenação-Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência; Brasília : SDH-PR/SNPD, 2012.

GALVÃO F. T. A. **Tecnologia assistiva para uma escola inclusiva: apropriação, demandas e perspectivas**. 2009. 334 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2009

KENSKI, V. M. **Novas Tecnologias na Educação Presencial e a Distância**. In: ALVES, L.; NOVA, C. Educação a Distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade. São Paulo: Futura, 2003, p.25-42.

LIRA, A.K.; BRANDÃO, J. **Matemática e deficiência visual**. Fortaleza: EdUFC, 2013.



MAGALHÃES, E. B. **A Sequência Fedathi na Deficiência Visual**. Mestrado em Ensino da Matemática/Universidade Federal do Ceará, 2015.

MANZINE, E. J. **Formação de professores e Tecnologia Assistiva**. In: CAIADO, K. R. M.; JESUS, D. M.; BAPTISTA, C. R.. (Org.). Professores e educação especial: formação em foco. Porto Alegre: Mediação, 2011b. v. 2. p. 45-63.

MILL, D. **Docência Virtual: Uma visão crítica**. 2012. Editora Papyrus 1ª. edição

MORAN, J. M. **O que é Educação a Distância**. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2015.

PADILHA C. IN. **Para uma escola do século XXI** [recurso eletrônico] org. Maria Tereza Egler Mantoan, Campinas São Paulo UNICAMP 2013.

RODRIGUES, S. M. F. **E A experiência da perda da visão, a vivência de um processo de reabilitação, e as percepções sobre a qualidade de vida**. Dissertação Mestrado Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia. Braga, 2004

SONZA, A. P.; KADE, A.; FAÇANHA, A.; REZENDE, A.; NASCIMENTO, G.; ROSITO, M.; BORTOLINI, S.; FERNANDES, W. (Org.). **Acessibilidade e Tecnologia Assistiva: pensando a inclusão sociodigital de pessoas com necessidades especiais**. Porto Alegre: Corag, 2013.

VERUSSA, E. □ **Tecnologia Assistiva para ensino de alunos com deficiência: um estudo com professores do ensino fundamental**. 2009. 96 f. Dissertação (Mestrado de Educação) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Filosofia e Ciência, Marília , 2009